

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τῆς ἐπισημοῦς
ἐπισημοῦς ἐπισημοῦς ἐπισημοῦς ἐπισημοῦς
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

New Israeli Film *Beruriah: Between Rashi and Talmud, Between Antiquity and Modernity, Between Feminism and Religion*», de Tal Ilan.

Dado que o cinema cria e circunscreve o nosso campo de visão, sugerindo uma impressão de realidade caracteristicamente vívida, a obra é um rico contributo no justificar da percepção de como a indústria do cinema tem ajudado à nossa compreensão de nós mesmos, da nossa cultura e sociedade, e de como o conhecimento cultural e social, bem como a experiência, pode ser veiculado pelos filmes e pelas imagens.

Ricardo Duarte

PANTELIS MICHELAKIS and MARIA WYKE, *The Ancient World in Silent Cinema*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 379 pp., ISBN 978-1-107-01610-1 (£75.00, US\$110.00)

O livro aqui analisado é uma edição quase exaustiva ao tema proposto, ou seja, a presença do Mundo Antigo no cinema mudo. Apesar de sabermos que nas primeiras quatro décadas de cinema foram feitos centenas de filmes que basearam a sua inspiração na Grécia antiga, Roma, Egipto e em temas da Bíblia, poucos foram os estudados e menos ainda os que foram sujeitos a crítica e a análise de pormenor. Os filmes de que falamos variam na forma e no conteúdo para revelar os temas deste mundo antigo e sugerem bem a preocupação com este passado, competindo com a intensidade e a amplitude da época clássica de Hollywood. Qual a contribuição que a Antiguidade trouxe para o desenvolvimento do cinema? Como é que as representações clássicas deste início de cinema vieram afetar a moderna conceção da Antiguidade?

Esta obra editada e amplamente ilustrada é a primeira tentativa sistemática no sentido de uma exploração integrada e detalhada do mundo antigo no cinema mudo e do papel instrumental deste nas conceções do século XX, sobre a antiga bacia mediterrânica e o Oriente antigo. Convida ainda ao estudo e a pesquisas de arquivo, numa orientação multidisciplinar, em arquivos cinematográficos e bibliotecas de todo o mundo, constituindo um enorme campo de pesquisa. Impõe, portanto, a interseção dos estudos de cinema com os estudos clássicos, bíblicos, história da arte e a história das culturas modernas. Este livro situa o sujeito no contexto das discussões sobre o significado da Antiguidade na Contemporaneidade.

Esta obra editada com a chancela da qualidade que advém da Cambridge University Press tem como coordenadores da edição Pantelis Michelakis e Maria Wyke, professores universitários cujo percurso tem versado o conhe-

cimento da cultura clássica, grega e romana e a sua moderna recepção, seja no palco ou no cinema, e a respetiva exploração com base nas modernas reconstruções e representações destes temas. A par desta coordenação juntam-se os contributos de inúmeros especialistas universitários em cinema, teatro, literatura latina e grega, cultura bíblica e historiadores de arte que vêm trazer uma elevada contribuição para o estudo quer do Mundo Antigo quer do cinema mudo e da forma como este representa e incorpora aquele.

A obra, após a introdução, apresenta duas partes, sendo a primeira intitulada «Teorias, histórias, recepções», e a segunda «Movimento, imagem, música, texto», num conjunto de 18 ensaios elaborados pelos especialistas já antes referidos e que prestaram um valioso contributo, completando-se com um excelente índice de bibliografia geral, um índice dos filmes em discussão e um índice geral, sem esquecer algumas ilustrações muito significativas.

Com base na filmografia efetuada entre 1908 e 1927, nos Estados Unidos, França e Itália, vemos que os filmes demonstram uma grande variedade de estilos, podendo mesmo dizer que em 1910 a personagem de Helena de Tróia aparecia, em termos de moda, mais coberta do que em 1927. Mas outros detalhes foram-se alterando como as variedades de armamento, a precisão e a minúcia ou não dos jardins, detalhes que foram recuperar o teatro e a ópera do séc. XIX e não os relatos arqueológicos. Assim, os filmes falavam tanto para a época em que foram feitos como da época que pretenderam retratar. Se alguma coisa poderíamos perceber sobre o interesse nesta época, na Itália em particular, foi o nacionalismo que antecedeu a Primeira Guerra Mundial e que fez com que muitos dos filmes remetessem para contar o seu passado histórico.

Os filmes mudos são tradicionalmente considerados como janelas que retratam momentos do tempo. Ao retratarem uma outra era, neste caso o Mundo Antigo, servem como uma espécie de espelho, e, ao contarem a história desse período longínquo, estão, ao mesmo tempo, a refletir a sua própria história.

O forte interesse que existiu sobre o Mundo Clássico a partir dos anos 50 até aos dias de hoje e que fez surgir diversa filmografia, ajudou ainda a produzir um fluxo constante de artigos, monografias e volumes nos últimos anos, mostrando a persistência do fascínio com as antigas civilizações. Deixou, no entanto, ignoradas as primeiras décadas do cinema mudo apesar da importância central para o desenvolvimento desta arte e para o seu moderno entendimento, constituindo um gigantesco acervo a aguardar exploração e análise. Hoje Pompeius pode ser percebida como o mais óbvio arquétipo cinematográfico da cidade condenada. O cinema ganhou capital cultural a partir da sua relação com a Antiguidade e não era apenas uma entre outras

formas de arte ou tecnologias de percepção do final do séc. XIX e início do séc. XX. A aplicação das suas tecnologias para trazer a Antiguidade para a vida e dar-lhe movimento fez com que o cinema mudo recebesse por sua vez um toque de modernidade e se tornasse o meio mais influente para a sua celebração. A presença persistente da Antiguidade no cinema mudo levanta questões sobre a modernidade e a popularidade de uma cultura de média que pisca o olho ao classicismo e ao orientalismo e que compete com outras formas de Arte como o teatro, a ópera ou mesmo as artes pictóricas, conseguindo criar emoções de espanto ou choque. Esta obra é portanto um primeiro passo na abordagem da importância da Antiguidade no cinema mudo e deste no mundo da Antiguidade.

Vai o leitor detetar discrepâncias, por exemplo, nos títulos de filmes ou datas de produção que ocorre por o mesmo filme ter sido lançado sob diferentes títulos em momentos diferentes e diversos países, ao mesmo tempo que a atual catalogação dos filmes mudos não permite uma precisão absoluta. Enquanto não existir um banco de dados detalhado e abrangente que englobe todos os arquivos destes filmes, não é possível apresentar uma filmografia confiável. Em todo o volume, os filmes foram identificados pelos seus realizadores, por uma questão de coerência, enquanto na época do Cinema Mudo a catalogação era entendida ou como o produto dos estúdios em que eram feitos ou pelas estrelas que neles representavam e não pelos seus realizadores, donde provinha a visão pessoal da obra.

Este livro, pela sua coleção e arquivo, representa uma ferramenta de inestimável riqueza com uma utilidade ímpar para investigadores do mundo inteiro. Destinada, essencialmente, a uma audiência de investigadores destas matérias, é o resultado de uma excelente colaboração interdisciplinar de académicos de origens e percursos diversos para deleite de quem gosta de aprofundar os temas clássicos, o mundo do cinema e as intercessões que pressentimos existir, definindo algumas orientações científicas.

Mário Raymundo